

***Alma Delia Miranda (cord.), Saramagia. Testimonios  
y recuerdos sobre José Saramago en su paso por  
México, Ciudad de México, Grano De Sal,  
2023 (164 pp.)***

**Paulo Nóbrega Serra**

CENTRO DE INVESTIGAÇÃO EM ARTES E COMUNICAÇÃO – CIAC

*Saramagia. Testimonios y recuerdos sobre José Saramago en su paso por México*, com coordenação de Alma Delia Miranda, publicado por ocasião da comemoração do Centenário do nascimento de Saramago, com o apoio do Camões, IP, reúne vinte e um textos. Estes textos constituem 22 testemunhos, divididos em três secções, prestados por intelectuais e periodistas, pelas suas editoras e, por fim, de âmbito académico. Uma publicação comemorativa, que reúne textos e fotografias (cedidas por alguns dos autores dos testemunhos) largamente desconhecidos, apresentado em nome da Cátedra José Saramago da Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade Nacional Autónoma do México.

Uma publicação comemorativa que nos fala das relações com um dos grandes autores da literatura portuguesa, como pessoa, mas também como autor, evidenciando, aqui e ali, as obras que mais lhes tocaram. Um documento que reúne assim não simples testemunhos, bem como, por diversas ocasiões, pertinentes reflexões em torno da obra de Saramago e comentários lúcidos acerca dos seus romances por pessoas que os leram e trabalharam a fundo.

Mónica Mateos, jornalista cultural de *La Jornada*, esclarece a certa altura a definição do conceito que dá nome à publicação. Por *saramagia*, entende-se “el poder que tuvo José Saramago para inspirar y sembrar ideas humanistas en quienes tuvieron oportunidad de escucharlo defender sus convicciones” (73).

No México, alega a autora deste depoimento, o escritor lusitano viveu intensos momentos de comunhão e partilha com os seus leitores, descrevendo a certa altura como até conseguia tocar os jovens mais desconfiados. Não será por acaso que visitou a capital do país, com “el galardón de la Academia Sueca bajo el brazo”, nos finais do ano seguinte a ter recebido o Nobel.

Nas palavras do editor e escritor Tomás Granados Salinas, os leitores de Saramago hoje no México “son legión y el anecdotario de su influencia entre nosotros, como persona de carne y hueso, como escritor y pensador, como figura inspiradora (incluso si no se ha leído una sola de sus obras), es extenso. Este libro es un afectuoso testimonio de ello” (36).

Em jeito de introdução, podemos cruzar a leitura de *Saramagia* com um dos textos de Pilar del Río, no livro *A Intuição da Ilha* (publicado pela Porto Editora), onde a Presidente da Fundação José Saramago explana a relação do escritor com os países da América, em particular no Sul. Numa intervenção em Bellas Artes, o Nobel disse “que no México era mexicano” (169), um comentário que não é vazio de sentido tendo em conta as frequentes viagens do autor àquele continente, que surge como referência inclusivamente nos seus livros, nomeadamente em *A Jangada de Pedra*: “América era o seu continente e por isso pôs a navegar a Península Ibérica oceano adentro, como uma jangada de pedra que se aproxima, talvez para celebrar que o passado não tenha conseguido entorpecer o futuro” (170). Pilar del Río recorda ainda episódios de Saramago no México (situações que são várias vezes aludidas em *Saramagia*), como quando “estive na entrada do movimento zapatista no Zócalo na capital federal” ou como acompanhava o subcomandante Marcos, na Universidade Nacional, “quando os povos nativos levantados pediram ao Estado outro tratamento” (172).

Alma Delia Miranda, no seu texto de apresentação do livro, se por um lado procura enfatizar como neste livro se consolida a relação afetiva de Saramago com o México – que considera mesmo, noutra texto seu, como um “fenómeno de massas”<sup>1</sup> – detalhando algumas das suas relações pessoais e a sua ligação a certas figuras do meio intelectual, artístico e da política, ainda antes da atribuição do Prémio Nobel, por outro lado, considera como a presença mediática do autor se consolidou, meses depois. Ainda que, afirma Alma, sobre a passagem de Saramago anos antes pelo México, “su presencia era tan orgánica que parecía uno más de nosotros”, será depois de receber o Nobel que o autor se torna largamente conhecido, especialmente num tempo em que não havia redes sociais ou a internet não tinha o peso de hoje na divulgação. Era também praticamente impossível

---

<sup>1</sup> Cita-se Alma Delia Miranda, a partir do seu artigo “México 1998: o fenómeno José Saramago e a sua relação com “La Jornada””, incluído na Revista de Letras / edição da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Departamento de Letras Artes e Comunicação – Série III, n. 5 (dezembro de 2022) – Vila Real, UTAD, Portugal.

encontrar traduções de obras de Saramago, publicadas no México antes de 1996, à exceção, por exemplo, de *El equipaje del viajero*, uma coedição da Universidad de Guadalajara. A divulgação da obra de Saramago no México deve-se sobretudo ao jornal *La Jornada* – que ao longo desta publicação percebemos ser largamente responsável pela construção da imagem do autor por parte do povo mexicano –, tendo-se centrado não somente na obra do autor, com a publicação de resenhas das suas obras, mas muito especialmente na atenção dada às suas “contundentes” declarações sobre o massacre de Acteal, em dezembro de 1997, e as condições de vida dos indígenas de Chiapas – de que se apresentam algumas manchetes, todas publicadas em março de 1998 –, em que o autor acusava o racismo e a necessidade de uma insurreição moral, fazendo jus ao seu lado humanista. Para uma breve contextualização, o massacre de Chiapas ocorreu no dia 22 de dezembro de 1997, quando 45 indígenas (homens, mulheres, crianças) foram mortos por paramilitares numa ermida, enquanto rezavam pela paz. Na altura os zapatistas atribuíram o sucedido ao presidente da altura.

Será após o “año clave de 1998”, ao longo dos sete anos seguintes, que José Saramago é reconhecido e calorosamente acolhido por importantes intelectuais mais partidários da esquerda, como Gabriel García Márquez e Carlos Fuentes. É também nesse período que o autor é recebido nas mais diversas universidades e congrega milhares de seguidores em eventos públicos, quer académicos quer simplesmente literários, como conferências ou feiras do livro. Muitos dos testemunhos reunidos neste livro resultam assim de depoimentos de terceiros, sobre pessoas que tiveram contacto próximo com Saramago, pessoas que hoje já não estão vivas para contar a história, embora essas histórias nos cheguem aqui vertidas.

Alma conta a sua própria história, ainda em jeito de introdução ao livro, sobre os seus primeiros encontros com o autor. A primeira vez que o viu foi de longe, na Feira do Livro de Frankfurt (em que Portugal era o país convidado), em outubro de 1997, quando o autor participava numa mesa-redonda com José Cardoso Pires, Manoel de Oliveira e o compositor Azio Corghi, autor de uma ópera baseada no *Memorial do Convento*. A segunda vez que viu o autor foi justamente em março de 1998, quando centenas de estudantes universitários se tentavam encaixar no auditório da UNAM. E compara a forma como Saramago foi aclamado com uma apoteose ensurdecadora, face ao reencontro com o autor, da terceira vez, no Centro Cultural de Belém, quando a autora estava já em Portugal com o apoio do Instituto Camões. Alma tem um derradeiro encontro com o autor em 2010, quando por casualidade se encontra em Lisboa na data do seu falecimento, e lhe presta homenagem na câmara ardente da Câmara Municipal.

A arrumação da vintena de textos aqui coligidos, que se procurava fazer por ordem alfabética, acabou por obedecer a critérios que Alma indica poderem

parecer pouco rigorosos, começando pelo facto de que, apesar da divisão tripartida entre intelectuais e periodistas, editoras e académicos, alguns dos colaboradores facilmente preenchem as várias categorias. Em comum, todos estes relatos por interposta pessoa, apresentam-nos Saramago pelos olhos e pelas palavras de figuras que estiveram muito próximas dele, seja porque em determinados momentos, nas suas visitas a México ou mesmo em viagens fora do país, acompanharam o autor, seja porque trabalharam estreitamente com Saramago para a publicação e tradução da sua obra, ou porque a trabalharam a fundo, no caso de professoras e entidades ligadas à Cátedra José Saramago. Esta cátedra, da UNAM, fundada em 2004, é uma das sete cátedras dedicadas ao escritor um pouco por todo o mundo, cujo trabalho se traduz, entre outras iniciativas, projetos de colaboração, conferências, colóquios ou cursos que visam promover a língua, a literatura e a cultura portuguesa e lusófona. Mais tarde, criou-se a única licenciatura na América hispânica, centrada nas literaturas lusófona, desde o Brasil aos países africanos, sem esquecer a literatura de Timor-Leste. Em 2004, podemos ler, “Saramago ya era una personalidad activa y reconocida en México” (118). A criação desta cátedra em homenagem a Saramago na Faculdade de Filosofia e Letras da UNAM intentava “abrir un espacio para la difusión y el estudio de la cultura portuguesa en México, no sólo de Portugal, sino de países que habían sido parte de las colonias portuguesas” e que até então tinham sido alvo de pouca atenção no país (118).

O primeiro testemunho de *Saramagia. Testimonios y recuerdos sobre José Saramago en su paso por México*, se não contarmos com a introdução de Alma, onde nos relata o seu contacto com o autor e a obra, é o de Elena Poniatowska. Um texto mais encomiástico, escrito num registo livre, em que a escritora aprofunda a natureza da receção das obras de Saramago no México, assim como noutros países, quer do seu próprio contacto com um escritor que não se inibia de abraçar as mulheres...

Um testemunho que dá igualmente conta da sensibilidade e do humanismo do autor, em que a autora relembra as suas palavras relativamente à causa dos índios de Chiapas e outros: *Quizá de todos los premios Nobel, el de 1998 es el que mejor comprendió a los levantados* (19).

O segundo texto consiste numa entrevista a Horácio Costa sobre José Saramago. As perguntas são conduzidas por Alma Delia Miranda (com transcrição de Enrique García Moreno). Horácio Costa, poeta e professor catedrático brasileiro, radicado há largos anos no México, um “pioneiro dos estudos saramaguianos e na difusão da obra do autor no México”<sup>2</sup>, reconta como descobriu Saramago em 1984, quando a artista plástica Renina Katz, sua antiga professora na

---

<sup>2</sup> Cita-se, novamente, Alma Delia Miranda, a partir do artigo “México 1998: o fenómeno José Saramago e a sua relação com “La Jornada””.

Faculdade de Arquitectura, lhe ofereceu *Memorial do Convento*. Essa primeira impressão de leitura foi decisiva para um fascínio irrevogável, que o fez querer descobrir mais sobre um autor que, na altura, tinha muito poucas obras traduzidas e publicadas internacionalmente. Ficaremos aliás a saber, mais à frente no depoimento de Dulce María Zúñiga (Directora da Cátedra Julio Cortázar da Universidade de Guadalajara), como foi o entrevistado Horácio Costa quem justamente tratou de negociar os direitos de tradução para espanhol do livro de crónicas *A Bagagem do Viajante*.

Horácio Costa relata como, no Brasil, Saramago era já um fenómeno nos anos 80, mas apesar de o entrevistado ter publicado alguns ensaios sobre a sua obra no México a recepção de Saramago não registou o mesmo êxito. Quando, em 1986, se mostra determinado em escrever uma tese, na Universidade de Yale, sobre Saramago, essa decisão é estranhada e contestada por diversos intelectuais portugueses.

Para Horácio Costa, o grande contributo de Saramago para a literatura mundial é o seu “juego de tiempos y voces”. Afirma ele que Saramago teve uma recepção impactante pela forma como soube “a partir de sus experiencias anteriores, cuajar en algo que fue del gusto de mucha gente, y eso le valió lectores en muchas lenguas, en muchos escenarios, en los que él actuó como un señor, casi como un ídolo pop, que le hablaba a las multitudes, pero hacía muy buena literatura” (31).

Esta capacidade, diz-nos ele, que é algo raro no panorama contemporâneo da ficção. O entrevistado disserta ainda como, apesar de a literatura ter um sólido estatuto de qualidade, continua a ser bastante desconhecida no México, que tende sobretudo para a literatura norte-americana. O caso singular de Saramago consiste, nas suas palavras, na questão de e ser um autor que se vendia muito, mas que, todavia, “no tenía nada que ver con la literatura que vende mucho. Él vendía mucho, pero no se doblégó a un modo quizá más mediático y que nosotros asociamos mucho con la literatura anglo” (32).

O editor e escritor Tomás Granados Salinas, no seu testemunho, dá-nos conta de como nos primeiros anos da década de 90, o escritor português tinha sido já abundantemente traduzido para espanhol, ainda por cima por uma editora que “es cualquier cosa menos marginal”, a Seix Barral. Contudo, no México os seus leitores eram ainda escassos (35). Tomás Granados Salinas, esporádico colaborador da revista espanhola *Quimera*, recenseou obras como o *Ensaio sobre a Cegueira*. Afirma Salinas que leu este livro com uma emoção renovada, após a decepção que sentira com *O Evangelho segundo Jesus Cristo*. Salinas elabora a tese, já por si antes proposta, “de que nuestro autor fue poniéndose retos literarios y políticos cada vez más altos, hasta llegar a un punto en el que debió dar un giro en la trayectoria de sus exploraciones narrativas” (37).

*Ensaio sobre a Cegueira* constitui, segundo Salinas, esse ponto de inflexão ou, melhor dizendo, de viragem, pois é a partir daí que “el escritor eligió la ruta de una literatura, digamos, apologética, incluso edificante, lo que tal vez le granjeó un público más amplio” (37).

Igualmente decisivo para Salinas foi que esse livro significa também uma viragem na obra de Saramago traduzida para espanhol. Até então, a voz do escritor português era vertida em espanhol nas traduções de Basilio Losada, um poliglota e um erudito literário, que dotava as suas traduções de “excepcional vitalidad en nuestro idioma y de un repertorio léxico y sintáctico que hacen de esta prosa en castellano una amalgama de humor, cursilería bien dosificada, ideas y dudas” (38). Ironicamente, num infeliz acaso, Basilio Losada, pouco depois de traduzir *Ensaio sobre a Cegueira*, correu o risco de ele próprio ficar cego, o que por sorte não aconteceu... É nesse momento que entra em cena, como tradutora de Saramago, Pilar del Río, que era então sua esposa e que teve um método de trabalho muito próprio, um “estrecho tándem” em que Pilar ia traduzindo quase em paralelo as páginas que Saramago deixava de parte, o que resultou na versão espanhola do romance nascer praticamente em simultâneo com a portuguesa (38).

No testemunho do escritor Hernán Lara Zavala, podemos ler como este conheceu Saramago quando era ainda um novelista principiante. Quando se encontraram, num encontro para o qual Saramago é convidado sem ser ainda muito conhecido, embora o autor tivesse já publicado *Memorial do Convento* e *O ano da morte de Ricardo Reis*.

Hernán Zavala apresenta-nos, no final do seu testemunho, passagens de *A Bagagem do Viajante*: “Escritas y publicadas originalmente en el periódico A Capital y el semanario Jornal do Fundão entre 1971 y 1972, antes de que el autor se metiera de lleno en el campo de la narrativa” (41). Segundo Hernán Zavala já se percebe nesse trecho o “futuro escritor que nos deja conocer sus humildes orígenes, parte de su infancia, sus ensoñaciones, sus dudas, su conciencia de escritor en ciernes y su enorme sensibilidad” (41). A génese da novelística saramaguiana está, afirma, contida nessas passagens.

Carlos Martínez Assad – investigador emérito da UNAM, vencedor do Prémio Nacional de Ciências e Artes em História, Ciências Sociais e Filosofia –, ao relatar a sua vivência com Saramago, afirma-se pouco surpreendido quando o autor recebeu o Nobel, pois tinha tido oportunidade de o conhecer antes, naquele mesmo ano, em Guadalajara, numa série de quatro conferências sobre literatura portuguesa para a Cátedra Julio Cortázar, em que José Saramago dissertou sobre nomes da literatura portuguesa como António Vieira, Camilo Castelo Branco, Eça de Queirós e Fernando Pessoa. Carlos Martínez Assad recorda essas sessões como uma “inmersión en la literatura y cultura portuguesas”, onde passou também a

conhecer “Blimunda Sietelunas y Baltasar Sietesoles, cuyas vidas el autor enlazó con los eventos de la construcción del palacio y convento de Mafra” (48).

Hermann Bellinghausen, também escritor, recorda como José Saramago em março de 1998 incorreu no risco de desagradar ao governo mexicano, tendo anunciado primeiro num artigo que tinha intenção de visitar Chiapas de modo a deixar claro o seu apoio pelos rebeldes zapatistas. No âmbito dessa visita ao México o Nobel português participou num evento literário a convite de Carlos Fuentes, onde estavam presentes autores e intelectuais de renome, como Nadine Gordimer, J. M. Coetzee e Susan Sontag. Embora todos tivessem partilhado alguma empatia pela causa dos rebeldes de Chiapas, apenas Saramago “traía la determinación de encontrarse con ellos” (64).

Pablo Espinosa, jornalista de *La Jornada*, recorda as celebrações aquando da recepção do Nobel em dezembro de 1998, com destaque para o “epicentro de la Semana Nobel: el discurso de aceptación, pronunciado el 7 de diciembre en la sede de la Academia Sueca ante varios centenares de personas y durante hora y media”, em que Saramago narrou, em português, a sua “vida entera, a partir de las profundas palabras con que recuerda a sus abuelos” (68).

Na última secção de *Saramagia*, reúnem-se textos de âmbito mais académico, assinados por diversas entidades ligadas quer à Cátedra quer ao curso, como é o caso, entre outros, do ex-diretor da Faculdade de Filosofia e Letras da UNAM; de professores da UNAM quer do Departamento de Português da Escola Nacional de Línguas, Linguística e Tradução quer da Faculdade de Filosofia e Letras; das antigas coordenadoras da Cátedra José Saramago; da Diretora da Cátedra Julio Cortázar da Universidade de Guadalajara....

A fechar esta coletânea de textos de homenagem a Saramago, encontra-se o depoimento de Ana Rita Sousa, Leitora do Camões (Instituto da Cooperação e da Língua) na UNAM. Afirmo a leitora, na sua condição de divulgadora da língua e cultura lusófona, que a simples menção do nome de Saramago “abre puertas en los más distintos ámbitos”, pela figura amável e humilde, pelo seu “compromiso con las luchas sociales, la serenidad con que se expresaba en portuñol sin sentir necesidad de disculparse” (161). Num país acostumado a receber escritores e intelectuais, Ana Sousa destaca como “los mexicanos sienten por Saramago una simpatía espontánea y una ternura abierta que surge sobre todo de la fuerte imagen de un hombre humilde, cercano, amable en el trato y atento al contexto” (161).

Em jeito de conclusão, e relativamente ao carinho de Saramago relativamente a esta nação, ao longo de *Saramagia* perdemos a conta das suas visitas ao México, dos eventos políticos e literários em que participou – por vezes, para desagrado do próprio governo. Um desses momentos aqui destacados é justamente a marcha zapatista de março de 2001: “Encabezados por el

subcomandante Marcos y los 23 comandantes del EZLN<sup>3</sup>, los zapatistas culminaron el 10 de marzo de ese año una larga marcha, que recorrió más de 3 mil kilómetros, desde San Cristóbal Las Casas, Chiapas, hasta la Ciudad de México, en busca del reconocimiento de los derechos indígenas y la ‘paz con dignidad’.” Marisol Schulz Manaut, editora de Saramago, e diretora geral da FIL de Guadalajara, recorda no seu testemunho (que intitula justamente Saramago como o português mais mexicano) como, entre as suas várias visitas, o escritor se deslocou ao México para se encontrar com os dirigentes zapatistas e lhes manifestar o seu apoio: “Su voz, su presencia que a veces lo hacía parecer incansable, lo volvieron la conciencia social de aquellos tiempos” (88).

Ao lermos *As 7 Vidas de José Saramago*, a biografia publicada no ano passado, assinada por Miguel Real & Filomena Oliveira, encontramos várias páginas dedicadas ao carinho que Saramago teve para com o México e para com as causas que aí se impuseram. A biografia dá conta justamente da visita de Saramago, acompanhado por Sebastião Salgado, quando se encontrou com o comandante Marcos; de um “longo artigo” de Saramago numa edição mexicana do *Le Monde Diplomatique*, intitulada “Chiapas, nombre de Dolor y Esperanza” (619); da assinatura de um convénio, em nome do Parlamento Internacional dos Escritores, com o Governo do México, que converte a capital do país numa Cidade Refúgio para escritores perseguidos no seu país de origem; ou de como Saramago e Dario Fo (o anterior Nobel da Literatura) escreveram textos para livros ilustrados com desenhos das crianças índias de Chiapas. Ressalta sobretudo, na própria biografia, a forma como Saramago é avisado para não intervir ou causar agitação política, provocando os mexicanos com o assunto dos desapossados de Chiapas ao que ele “responde universalizando a questão: «o respeito pelo ser humano [pelos Direitos Humanos] é a última alternativa que tem o mundo para sair do caos» (620). Saramago, quer na escrita, quer na sua vida cívica, não se coíbe de falar em nome dos oprimidos e em defesa dos direitos humanos universais, chegando mesmo a desmentir o presidente, no ano seguinte a ter recebido o Nobel, em nova visita ao México, de como “há uma guerra” em Chiapas. Quando esteve no Palacio de Bellas Artes da Cidade do México houve inclusivamente escaramuças e protestos, face aos apertos da multidão que queria entrar para poder ouvir o escritor português. A confusão resolveu-se com “telões no exterior” e a difusão em direto por uma cadeia de televisão “para que aquela voz que escuta os mais fracos e oprimidos pudesse voar pelo globo. A isto chamaram os jornalistas mexicanos ‘saramagia’” (621)<sup>4</sup>.

<sup>3</sup> O Exército Zapatista de Libertação Nacional era um movimento de desfavorecidos que reclama justiça para os direitos dos povos indígenas.

<sup>4</sup> A citação aqui apresentada, retirada da biografia, é a partir do texto do correspondente do *Expresso*, Augusto Oliveira Mendes.